

JORNAL DA

AdUFRJ

1384 · 18 de dezembro de 2025 · www.adufrj.org.br · TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj

*Que a solidariedade
vença o ódio*

“Que 2026 nos reúna em torno da solidariedade, deixando ódios, ressentimentos e desesperanças para trás. Construiremos a sede da AdUFRJ como espaço que comporte artes, ciências, culturas, atividades sindicais e no qual a empatia e a sustentabilidade transbordem para o futuro.”

Ligia Bahia

PRESIDENTA DA ADUFRJ



PROFESSORES APROVAM SEDE PARA A ADUFRJ

> Decisão contou com o apoio de mais de dois terços dos que votaram na assembleia. Situação financeira do sindicato garante custos estimados da obra e da futura manutenção do imóvel

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

Agora é oficial. Com 451 votos favoráveis contra 122, além de 74 abstenções, os professores da UFRJ aprovaram o projeto de construção da sede da ADUFRJ. O imóvel ficará entre o Horto Universitário e o Espaço Cultural do Sintufri, ocupando uma área total de 579,06 m².

“Queria, em nome da diretoria da Adufrj, agradecer imensamente a participação dos associados. De compartilhar conosco uma decisão tão importante como essa. Estamos muito felizes”, afirmou a presidente do sindicato, professora Ligia Bahia, sobre o resultado da assembleia — a votação, iniciada no dia 15 pelo sistema online Helios foi estendida até quarta-feira (17), em função de problemas técnicos com a internet da Cidade Universitária.

A concessão do terreno, por 30 anos, já havia passado pelo crivo da Procuradoria da universidade e pelo Conselho de Curadores da UFRJ — instância deliberativa para assuntos de patrimônio da instituição. A assinatura do contrato com a reitoria, que aguardava o “sim” da assembleia, aconteceu no próprio dia 17 (veja quadro).

A iniciativa busca aproximar a ADUFRJ da realidade de outras seções sindicais. “A maioria das associações docentes das universidades federais tem sedes bastante amplas, com instalações que oferecem acolhimento, que são pontos de referência para suas comunidades. A gente está muito atrasado neste ponto”, disse o 1º secretário da ADUFRJ, professor Pedro Lagerblad.

A diretoria disse que a participação da comunidade docente na construção da sede será garantida e muito bem-vinda. Foi aprovada a criação de uma comissão de acompanhamento — todos os interessados poderão contribuir para o desenvolvimento do projeto — de todas as etapas do processo. “Todos os associados podem trazer ideias para interferir na concepção do projeto ao longo do próximo tempo. Queremos construir rápido”, informou Pedro.

Durante a assembleia, houve críticas ao aluguel de R\$ 8 mil mensais, que será pago à reitoria. O valor, no entanto, é uma exigência da Procuradoria da universidade para todas as concessões de área da universidade.



O CONTRATO FOI ASSINADO durante a última plenária de decanos e diretores do ano, no dia 17, no Salão Nobre da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Também foi descerrada uma placa comemorativa para marcar a data, para aplauso dos gestores docentes.



“Esperamos que esta sede já surja com muito bom astral. Queremos que seja um lugar de muita reunião, de muita potência científica, artística e cultural”

LIGIA BAHIA
Presidenta da ADUFRJ

“Seguimos com a ideia de questionar isso no futuro. Concordo do ponto de vista político, mas não como estratégia para construção. Porque condicionar uma coisa à outra significaria o imobilismo e não construir a sede. Para construir, precisamos topar isso hoje”, completou Pedro.

PLANEJAMENTO
Estima-se um gasto entre R\$ 3,5 milhões e R\$ 4,1 milhões para a obra, além de R\$ 45 mil para a manutenção mensal. O

planejamento orçamentário para dar conta do desafio também foi objeto da discussão na assembleia e também no Conselho de Representantes da entidade, no dia 12. “Nós precisamos ter segurança que o custeio da operação da sede esteja compatível com nossa estrutura financeira”, disse o 1º tesoureiro da ADUFRJ, professor Daniel Conceição, responsável pela apresentação do ponto.

A situação financeira da Adufrj é considerada confortável

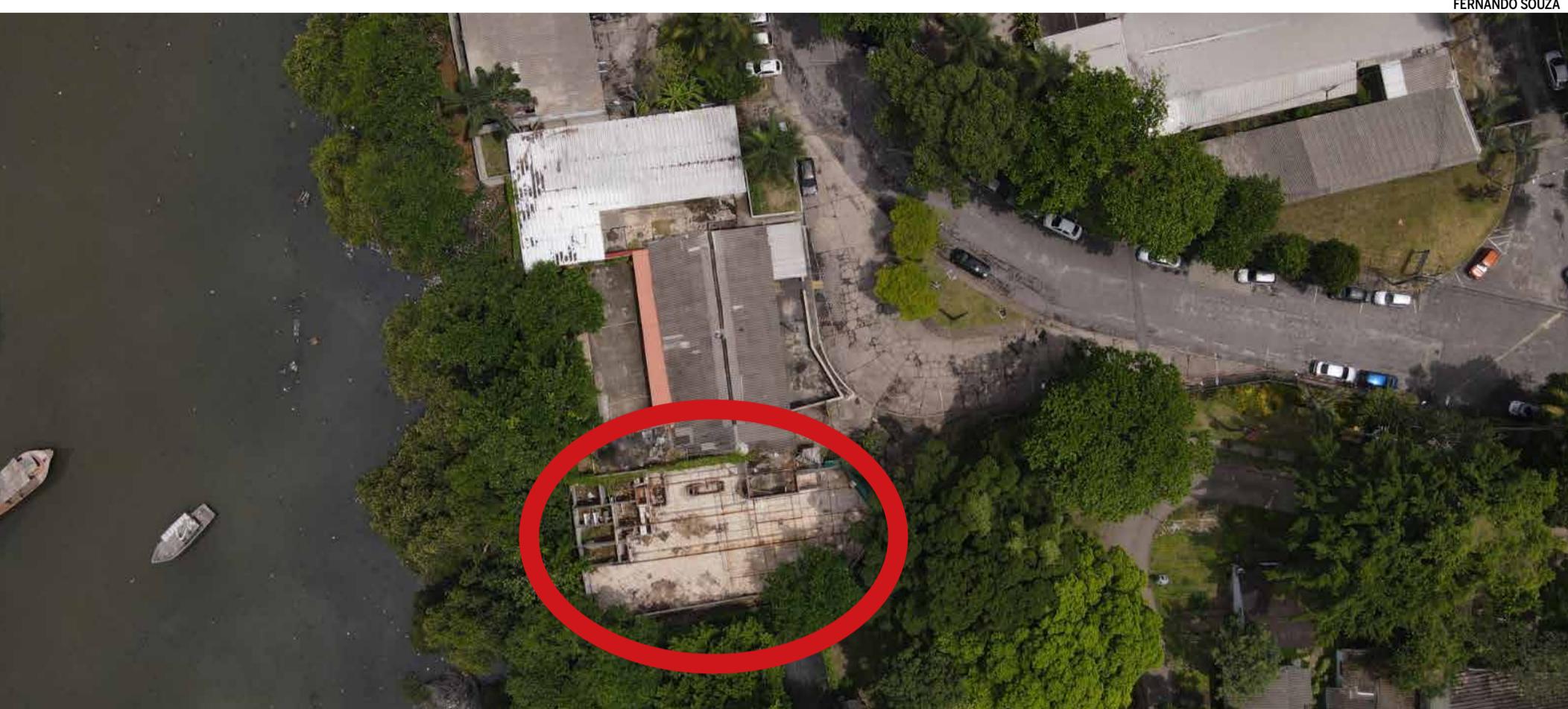
para garantir a empreitada. Há uma reserva de R\$ 9,5 milhões em caixa e o superávit médio do último ano é de R\$ 103 mil por mês. Ainda assim, a direção estuda ou já vem implantando medidas para ampliar a segurança das contas.

Um dela foi aumentar a previsibilidade para despesas não recorrentes. Houve a fixação de um teto de R\$ 10 mil mensais para solicitações de apoio para ações de servidores, estudantes ou movimentos sociais. A gestão lançou em novembro um edital simplificado — que pode ser visto no topo da página da Adufrj, na aba “serviços” — para organizar a demanda.

Mesmo cenários pessimistas não deixariam as contas no vermelho. Se houver um aumento de 20% dos custos estimados com a sede, ainda haveria uma sobra de R\$ 50 mil mensais.

Na conclusão da assembleia, a presidente da ADUFRJ deixou uma mensagem de otimismo. “Esperamos que esta sede já surja com muito bom astral. Queremos que seja um lugar de muita reunião, de muita potência científica, artística e cultural”, afirmou Ligia.

PRÉDIO SERÁ ACESSÍVEL E SUSTENTÁVEL



VISTA AÉREA do local onde será instalada a sede da ADUFRJ (em destaque, no círculo vermelho), entre o Horto Universitário e o Espaço Cultural do Sintufri

IMAGENS: ATELIER UNIVERSITÁRIO ARQUILAB



PROJETO BÁSICO do imóvel do sindicato, que está sendo elaborado pelo Atelier Universitário Arquilab, buscará a integração com a natureza no entorno

O projeto básico está sendo feito pelo Atelier Universitário Arquilab, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que possui ampla experiência na área. “O Arquilab surgiu em 2004 tendo como referência o trabalho dos professores do Hospital Universitário que orientam os alunos na prática. Já realizamos

aproximadamente 200 projetos para toda a UFRJ”, esclareceu a coordenadora, professora Patrícia Lassance.

O prédio, acessível, terá uma área construída entre 800 m² e 1.2 mil m², com dois auditórios (um para 150 pessoas; outro, para 40 pessoas), cozinha com churrasqueira, um bar, uma mini livraria, local para exposições, estúdio de videocast ou podcast, além das salas de comunicação e dos setores administrativo e jurídico, entre outros espaços.

Haverá um vínculo com a intensa vegetação do entorno.

“O projeto para a sede da Associação de Docentes da UFRJ baseia-se no conceito da aula sob a árvore — uma referência

simbólica à origem do ato de ensinar. A primeira aula teria acontecido à sombra de uma árvore. A proximidade com o Horto Universitário reforça a naturalidade dessa proposta.”

Afirmou Patrícia. “Além disso, integrará diversos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) da ONU, alinhando-se às práticas contemporâneas de sustentabilidade”.

Representante do campus Caxias no Conselho de Representantes, a professora Juliany Rodrigues parabenizou a diretoria. “Às vezes, preciso vir ao Fundão e, enquanto espero uma reunião, fico em um café do Parque Tecnológico, que é o local mais agradável no Fundão”.

ASSEMBLEIA TAMBÉM APROVOU CONTAS DA GESTÃO PASSADA

Por 379 votos a 59 e 209 abstenções, os docentes também aprovaram a prestação de contas da diretoria passada (biênio 2023-2025). Todos os demonstrativos do período estão disponíveis no site do sindicato, na aba “transparência”. “Parece que não, porque realizamos tantas ações, mas nós nos preocupamos muito em economizar”, disse a vice-presidente, a professora Nedir do Espírito Santo em referência aos valores já citados pela diretoria atual no planejamento de construção da sede. “Nós conseguimos fazer uma economia de R\$ 100 mil, em média. A poupança que temos é em torno de R\$ 9,5 milhões”, completou.

Nedir destacou para o sucesso das contas a campanha de filiação — com descontos na mensalidade, durante os primeiros quatro anos — que trouxe 601 novos colegas para o sindicato, contra aproximadamente 200 desfilados, no mesmo período.

Pela campanha, professores Assistentes e Adjuntos (magistério superior) e DI, DII e DIII (EBTT,

do Colégio de Aplicação) não filiados até outubro de 2022 podiam ficar isentos da contribuição sindical pelos dois primeiros anos e, nos dois anos seguintes, pagavam metade (0,4%) do que pagam os demais sócios (0,8%).

De acordo com Nedir, a assessoria jurídica contratada um pouco antes do mandato 2023-2025 foi outro fator que contribuiu para o aumento das filiações.

“Não só pelas questões gerais reivindicadas, mas também pelas situações particulares”, disse a docente. Desde então, 433 ações geraram um valor acumulado de R\$ 10 milhões aos filiados beneficiados.

A atual gestão elogiou o trabalho realizado pelos colegas da ex-diretoria. “Realizaram uma gestão extremamente responsável no trato das contribuições dos associados”, afirmou Ligia Bahia.

Outra preocupação é garantir que os demonstrativos reunam os números relativos a cada gestão: “Pretendemos ter uma planilha que permita agrregar os gastos totais da gestão”, reforçou o diretor Daniel Conceição.

Oga Mitá é mais novo convênio da ADUFRJ

>Sinônimo de qualidade e formação cidadã, escola que tem unidades na Tijuca e em Vila Isabel passa a integrar a carteira de benefícios do sindicato

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

AADUFRJ acaba de ampliar sua cartela de convênios com benefícios aos professores sindicalizados e seus dependentes. A escola Oga Mitá, tradicional instituição da Zona Norte da cidade, está com matrículas abertas em uma parceria inédita com o sindicato. Dependentes de filiados têm 30% de desconto na matrícula e 15% nas mensalidades, desde que pagas até o dia 3 de cada mês. A escola atende da Educação Infantil ao Ensino Médio e tem unidades na Tijuca e em Vila Isabel.

No setor privado de ensino, a escola Oga Mitá se destaca pela atuação e cultura democráticas. Fundada em 1978, seus processos pedagógicos e administrativos têm como base a atuação coletiva. O calendário acadêmico é definido pela equipe escolar, pais e estudantes. Os valores de mensalidade também. "A gente tem um processo de gestão democrática. Semestralmente, a gente faz o planejamento participativo. Esse grupo fez o planejamento para 2026 e definiu o valor da mensalidade. Eu acho que no Rio temos exclusividade nessa metodologia. Chama-se Processo-Projeto Oga Mitá. Não conheço outra escola particular com essa perspectiva", orgulha-se o diretor e fundador do colégio, Aristeo Leite Filho.

"A gente fez uma escola diferente da que a gente teve. A gente não quer uma escola imposta, impositiva, punitiva", avalia o diretor. "Se um aluno quebra a vidraça, ele vai para a biblioteca fazer um trabalho sobre quais consequências aquele ato gerou, o que poderia ter acontecido de pior e o que ele fará pra arrumar o que fez. É a conscientização dos atos e a responsabilização na cooperação, na solidariedade", defende.

A escola resiste a um modelo predatório de ensino, imposto por grandes conglomerados internacionais de educação. "Trabalhamos a consciência ambiental, a educação pela paz, a antiviolência, o antiracismo. Normalmente, são elementos que não aparecem na proposta pedagógica das escolas. A gente integra essas questões sociais e humanitárias na grade curricular", afirma o diretor.

Aristeo é professor do Departamento de Estudos da Infância, da Faculdade de Educação da UERJ, e professor do curso de



PÉS NO CHÃO Escola privilegia o contato com a natureza e trabalha a educação ambiental dos pequenos



DIRETOR: "A gente não quer uma escola impositiva, punitiva"

Especialização em Educação Infantil da PUC-Rio. A atuação diária na formação de professores e no desenvolvimento de pesquisas sobre educação demonstra que o setor privado tem sucumbido a uma lógica predatória de ensino. "A gente tem visto barbaridades no setor. A qualidade passa pelo equilíbrio pedagógico-financeiro. É isso que norteia esses conglomerados da educação".

Não há um compromisso com a formação cidadã", avalia. "Esses conglomerados compraram as instituições de ensino e as editoras de livro didático".

O diretor conta que manter uma escola independente é um processo difícil, mas necessário. "Resistir é uma luta diária, que passa pelos resultados que a gente tem tido com a formação dos nossos estudantes. Nossos ex-alunos, que retornam com seus filhos e já com seus netos, são resultados desse processo", acredita Aristeo. "São pessoas que compreenderam que edu-

CARTELA DE CONVÊNIOS AMPLA

ADUFRJ também possui convênios com outros colégios do Rio e de Macaé, como Meable Bear Tijuca, Centro Educacional da Lagoa, Creche Escola Amanhecendo, Creche Escola Recriar, Jardim Botânico Educação Infantil e Escola Alpha. Ainda há parcerias com cursos de idiomas, academias, farmácias, home care e outros serviços. Mais informações podem ser obtidas pelo nosso site adufrj.org.br/servicos/convenios. Para solicitar o desconto com algum dos parceiros do sindicato, é necessário enviar e-mail para adufrj@adufrj.org.br, com o assunto "solicitação de convênio".

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel. (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrj.org.br.

RIO DE JANEIRO

- ibei**
- CLUB PET** FOTOS: ADUFRJ
- MAPLE BEAR TIJUCA**
- MIT CUIDADORES**
- ACADEMIA TIJUCA FIT**
- MADONA CLINIC**
- Psicare PSICARE**
- FISIOTERAPIA RJ LTDA**
- CRECHE AMANHECENDO**
- CRECHE ESCOLA RECIAR**
- CESTA CAMPOESAS DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS**
- ROÇA URBANA ORGÂNICOS**
- JC LUZ CORRETORA**
- FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL**
- BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS**
- MACAÉ**
- ESCOLA ALFA**
- CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL**
- HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR**
- MAIS FITNESS ACADEMIA**
- CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA**
- RIO DE JANEIRO E MACAÉ**
- inspire INSPIRE ENERGIA SOLAR**
- Kalunga KALUNGA PAPELARIA**
- DROGARIA RAIÀ**
- wellhub WELLHUB**

#OrgulhoDeSerUFRJ



FÉRIAS DA AdUFRJ

DE 19 A 23/01
E DE 26 A 30/01

Informações:
adufrj@adufrj.org.br

AADUFRJ organiza uma super colônia de férias no Fundão para os dependentes de professoras e professores sindicalizados. Serão dez dias de atividades lúdicas e esportivas: de 19 a 23 e de 26 a 30 de janeiro. As inscrições estão abertas até 9 de janeiro. O filiado poderá reservar no mínimo 5 dias ou optar pelo pacote completo de 10 dias.

A colônia atenderá a crianças e adolescentes, de 5 a 16 anos. Funcionará em horário integral, das 8h30 às 17h, no Clube dos Funcionários da Petrobras (Cepe). Haverá almoço para os participantes. Os custos serão subsidiados pela AdUFRJ. Assim, os sindicalizados arcarão com 30% do valor por criança, que equivalerá a R\$ 621,15 para os dez dias, ou R\$ 62,11 ao dia. No valor, também estão incluídas duas blusas para cada participante. O custo pode ser parcelado em duas vezes.

Dentre as atividades estão: recreação na água, jogos de cooperação, atividades artísticas e folclóricas, caça ao tesouro, apresentação de mágica e muitas outras surpresas. "A gente trabalha para que elas desenvolvam a autonomia ao longo da colônia de férias. Isso passa também por elas terem um momento para escolher suas atividades", revela o professor André Coutinho, responsável pela colônia.

As crianças e adolescentes serão divididos em quatro faixas etárias: de 5 a 7 anos; de 8 a 10; de 11 a 13; e de 14 a 16. "Assim, cada grupo realizará atividades voltadas à sua idade, interesses e necessidades", explica André. "O docente é formado em Educação Física, com especialização em Natação e em Inclusão. Junto dele estarão outros cinco professores e dois auxiliares. 'Todos formados e pós-graduados', garante. Também haverá uma enfermeira disponível ao longo de todos os dias de atividades. Entre em contato com adufrj@adufrj.org.br e solicite sua ficha de inscrição. Mas corra! As vagas são limitadas!"

MEMÓRIAS DO EXÍLIO

> Angela Leite Lopes, filha de dois professores da UFRJ cassados pela ditadura, lança livro em que relata os desafios da família forçada a viver fora do Brasil

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

Meu pai estava na rede, no jardim de inverno, ouvindo 'A hora do Brasil' no rádio portátil, num dia de abril de 1969, e eis que ele ouve a notícia de que ele e minha mãe tinham sido aposentados da UFRJ pelo AI-5", escreveu a professora Angela Leite Lopes, da Escola de Belas Artes, no livro "A vida em outro lugar: crônica do exílio".

Na obra, recém-lançada pela Editora UFRJ, Angela relata como foi acompanhar o pai, o físico José Leite Lopes, e a mãe, a matemática Maria Laura Lopes ao exterior, fugindo dos horrores do autoritarismo.

"Uma coisa é a notícia do cientista, do militante, do guerrilheiro, mas o que acontece com aquela família? Tem esse outro lado que acaba criando uma visão diferenciada da notícia do jornal e do arquivo", afirmou Angela durante o lançamento do livro, na Casa da Ciência, no último dia 4.

São os livros lidos, os filmes vistos, os amigos com quem brincou que integram a narrativa. É a descrição do dia na escola em solo estrangeiro e a troca de cartas com os familiares que ficaram no Brasil ou com o próprio pai, quando estavam em países diferentes. "Procurei me atar ao exílio visto pela criança", completou a autora.

O livro conta a história de dois exílios: o primeiro, a partir de 1964, quando o golpe militar é deflagrado. Angela tinha apenas seis anos. José Leite Lopes aceitou um convite para lecionar na Faculdade de Ciências de Orsay, em Paris. Mas a jornada é precedida de um susto: quando foi ao Departamento de Ordem



FERNANDO SOUZA

DEFESA DA DEMOCRACIA nos dias atuais foi uma das principais razões para a professora lançar suas memórias do tempo da ditadura

Política e Social (DOPS) para tirar o passaporte, acharam que estava tentando fugir do país e o prenderam.

Não ficou nem uma noite intelectual na cadeia. Foi solto graças à intervenção de um general, também professor do CBPF (Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas), que Leite Lopes ajudou a fundar).

O físico conseguiu viajar meses depois para a França e só retornou ao Brasil em 1967, quando reassumiu suas funções na universidade e no próprio CBPF.

O trecho do livro falando da "Hora do Brasil" marca o início do segundo exílio, bem mais difícil, para os Estados Unidos.

"As passagens foram compradas em nome do adido científico (do consulado americano) e ele ainda aconselhou meu pai a não contar para ninguém que estava indo embora", diz outra passagem da publicação.

Com a experiência de ter acompanhado as dificuldades dos pais em tempos tão duros, Angela explicou que a defesa da democracia nos dias atuais foi uma das principais razões para escrever as memórias de sessenta anos atrás (veja mais na entrevista abaixo). "Importante falar sobre isso para que vejam que não são, assim, terroristas ou não sei o quê. São pessoas, né? Com suas famílias, com seus

afetos. Esse livro também é por conta disso".

LEMBRAR PARA NÃO ESQUECER

Uma das pessoas que estimularam Angela a escrever o livro foi Eurídice Figueiredo, sua professora em 1976, na Aliança Francesa, e hoje integrante do Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos de Literatura, da Universidade Federal Fluminense.

"Dei muita força para Angela, porque esses depoimentos são importantes para as pessoas saberem como a ditadura afeta as famílias, como afeta todo mundo", disse Eurídice, durante o lançamento da obra.

ENTREVISTA | ANGELA LEITE LOPES, PROFESSORA TITULAR DA ESCOLA DE BELAS ARTES

Jornal da AdUFRJ - Qual a motivação da senhora para escrever este livro?

Angela Leite Lopes - Durante a eleição da Dilma e do Aécio Neves, que foi muito acirrada, minha filha me perguntou: "Mãe, se o Aécio ganhar, vamos morar na França?". Bateu fundo, assim, a coisa do exílio. Aquilo já ficou na minha cabeça. Depois, houve o impeachment da Dilma e, em 2018, surgiu um convite para discutir como os físicos foram atingidos durante a ditadura, no CBPF (Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas). Isso me deu um estalo. Percebi que tinha algo para contar, que aquelas memórias de criança tinham a ver para

a vida adulta do país hoje. Foi um trabalho que durou de 2019 até 2022. Entreguei o livro para a editora em 2023.

Aqui na apresentação do livro, a senhora fez algumas menções ao filme "Ainda estou aqui". Quais as semelhanças entre a história de sua família e a de Eunice Paiva?

A grande semelhança é a angústia dessa época. Mas algumas cenas me tocaram muito. No filme, logo quando os policiais acamparam na casa dos Paiva, a Eunice pergunta se eles queriam comer algo. Tem um episódio parecido que conto no livro em 1968 ou 1969, quando fizeram uma batida



lá em casa. Os policiais pediram que eu, criança ainda, saísse. Minha mãe saiu comigo. Quando a gente voltou, minha avó estava tomando um cafézinho com os dois oficiais que estavam lá. Quer dizer, existe uma civilidade que nós temos que contrasta com a truculência deles.

A senhora encerra o livro expressando alívio com a eleição de Lula, em 2022. Mas a senhora está preocupada com as eleições do ano que vem?

Sim, mas como a Dilma diz, a gente luta todo dia pela democracia. A prisão dos militares agora foi um grande alento. Importantíssimo.



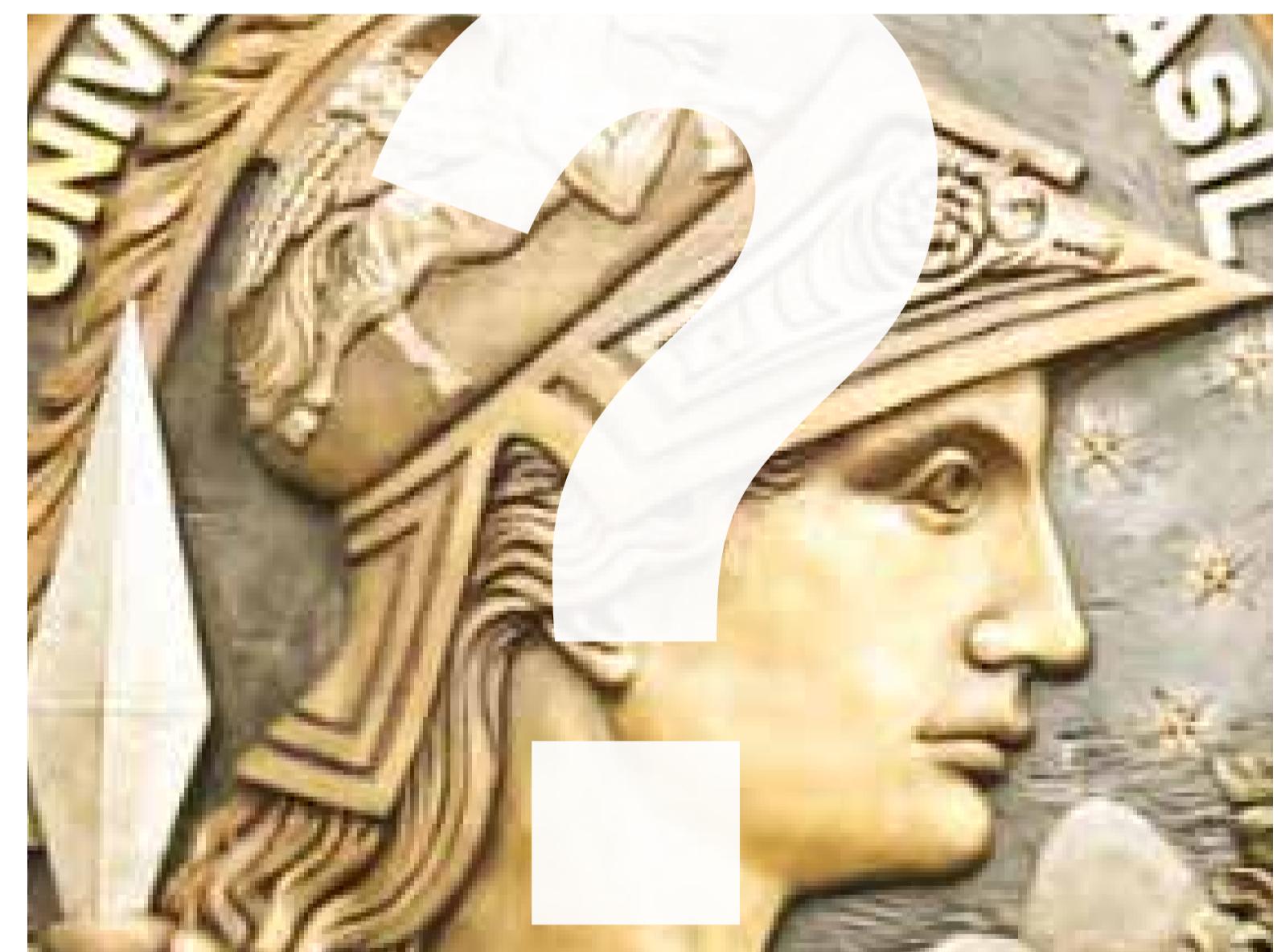
MAGNO JUNQUEIRA
Professor Associado
da Universidade
Federal do Rio de
Janeiro.
Coordenador do
Laboratório de
Espectrometria de
Massa Translacional
e Neuroproteômica -
LEMTEM

QUE UNIVERSIDADE QUEREMOS?

A universidade pública brasileira vive hoje um conflito profundo entre seu papel social, suas ambições científicas e a realidade do financiamento. De um lado, espera-se que ela seja inclusiva, garanta permanência estudantil por meio de políticas como o restaurante universitário, bolsas e moradia. De outro, cobra-se produtividade científica de padrão internacional, inovação, patentes, empreendedorismo e impacto econômico. O problema central é que essas duas missões vêm sendo exigidas sem o financiamento compatível com nenhuma delas. Desde 2018, o orçamento discricionário das universidades federais, que sustenta laboratórios, contratos de limpeza, segurança, energia, insumos e assistência estudantil, sofreu cortes severos em termos reais. Em vários períodos, as perdas ultrapassaram 40%. Embora tenha havido recomposições parciais recentes, a instabilidade orçamentária tornou o planejamento de médio e longo prazo praticamente inviável. Não se faz ciência de fronteira com orçamento intermitente.

O debate sobre o "bandejão" é emblemático. Ele consome parcela visível do orçamento, mas não é um luxo: é política de permanência. Sem alimentação subsidiada, estudantes de baixa renda simplesmente abandonam a universidade. Cortar o RU não gera eficiência; gera exclusão social. Ao mesmo tempo, enquanto se financia corretamente o acesso, falta investimento estrutural em infraestrutura científica, manutenção predial, atualização tecnológica e pessoal técnico.

Sobre o professor universitário, a contradição é ainda mais aguda. Além de ensinar e pesquisar, passou a ser pressionado a fazer extensão, ser empreendedor, captar recursos, gerar patentes e criar startups. Porém, grande parte das universidades não dispõe de escritórios de inovação estrutura-



Exige-se produtividade de "Harvard" com condições de país em austeridade permanente. Isso nos leva à pergunta central: afinal, que universidade a sociedade quer?

dos, núcleos de patentes eficientes, apoio jurídico ou administrativo. Exige-se produtividade de "Harvard" com condições de país em austeridade permanente. Isso nos leva à pergunta central: afinal, que universidade a sociedade quer?

Um modelo altamente seletivo, caro, competitivo e globalizado? Ou uma universidade massificada, inclusiva, com forte função social? O erro histórico do Brasil foi tentar impor simultaneamente os dois modelos sem financiar adequadamente nenhum deles.

A universidade é, ao mesmo tempo, instrumento de mobilidade social, produtora de conhecimento estratégico, formadora de profissionais e motor de inovação. Seu retorno para a sociedade não é apenas econômico: é sanitário, tec-

nológico, cultural, democrático e cívico. Cada real investido retorna em forma de médicos, engenheiros, professores, vacinas, tecnologia, pensamento crítico e soberania nacional.

Se um pacto real de financiamento estável, com previsibilidade orçamentária, proteção das políticas de permanência e investimento em infraestrutura e inovação, a política pública atual empurra a universidade para o sucateamento: nem plenamente inclusiva, nem verdadeiramente excelente.

O dilema não é "comida ou ciência". O dilema é se o Brasil escolhe, de fato, ter uma universidade pública forte, ou apenas mantê-la funcionando no limite da sobrevivência.

CONVERSAS COM OMER BARTOV

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

AADUFRJ recebeu o historiador Omer Bartov nos dias 9 e 10 de dezembro para duas conferências sobre o genocídio em Gaza, avanço e riscos da extrema direita no mundo, antisemitismo e o papel das universidades e dos pesquisadores para barrar esses processos. As palestras aconteceram no Salão Pedro Calmon, na Praia Vermelha, e na Faculdade de Farmácia, na Cidade Universitária. “É um privilégio poder participar desse banquete intelectual”, afirmou a professora Ana Célia Castro, diretora geral do Colégio Brasileiro de Altos Estudos, ao apresentar o historiador, no dia 9. No dia 10, a mesa foi coordenada pela professora norte-americana Liv Sovik, Titular da Escola de Comunicação da UFRJ e ex-diretora da ADUFRJ.

Apenas três dias depois da visita ao Brasil, a Brown University, onde Bartov é professor Titular de Estudos do Holocausto e Genocídio, foi atacada a tiros. Duas pessoas morreram e outras oito ficaram feridas. O docente se mostrou consternado. “É uma

situação verdadeiramente trágica”, disse. Menos de 24 horas depois, na Austrália, outro ataque, desta vez durante o festival judaico Hanukkah, deixou 16 mortos e 40 feridos na praia de Bondi. Os eventos são faces nuas e cruas da violência que emerge a partir de alguns dos temas debatidos por Bartov na UFRJ, como o antisemitismo e o ódio às universidades.

Omer Bartov nasceu em Israel, onde viveu por três décadas até se mudar para os Estados Unidos. É professor Titular de Estudos do Holocausto e Genocídio, além de ser especialista em História Europeia e Estudos Alemães.

As palestras tiveram transmissão simultânea e estão disponíveis no canal da TV ADUFRJ, no YouTube. Também estão disponibilizadas as versões com legendas em inglês, que podem ser traduzidas automaticamente pelo aplicativo. Basta selecionar a opção “Legendas” e depois ir nas configurações: “Traduzir automaticamente” / “Português”.

Confira alguns dos principais momentos:



ALESSANDRO COSTA

É GENOCÍDIO

Israel está cometendo genocídio em Gaza. Escrevi isso no The Guardian, em julho de 2024. Na época, as opiniões ainda estavam muito divididas. De lá para cá, a opinião pública passou a concordar mais com isso, mas ainda não houve impacto na elite política. O genocídio é uma tentativa de destruir um determinado grupo étnico. É um assassinato de um grupo, sua completa destruição. Há muita gente que ainda insiste em chamar o que está acontecendo em Gaza de guerra. Não é uma guerra. É genocídio, obliteração, limpeza étnica. Historicamente, limpeza étnica acaba virando genocídio.

ISRAEL É UMA DEMOCRACIA?

O objetivo do sionismo era criar um Estado de maioria judaica. Um Estado judaico pode ser democrático? Entre fevereiro e outubro de 2023, houve um forte movimento em que o atual governo buscou enfraquecer a Suprema Corte para mudar o sistema de governo israelense. A Rússia tem eleições, a Turquia tem eleições, mas não são democracia. Israel está nesse caminho. Sem resolver essa ocupação e com o enfraquecimento do Poder Judiciário, o país nunca vai ser uma democracia.

O PÓS 7 DE OUTUBRO

O 7 de outubro (de 2023) foi um choque para a comunidade israelense, não só pelo número de civis mortos - foi realmente brutal, com mulheres e crianças violentadas. Mas ninguém achava que os palestinos poderiam fazer isso. Um povo subjugado, sob cerco, matou 400 soldados israelenses. Não só civis. Então, a raiva tomou conta. Basicamente, a ideia passou a ser exterminar todos eles.

Depois do ataque do Hamas, houve uma mudança de atitude dramaticamente crítica em Israel, de forma a perseguir os

alunos palestinos. Tínhamos intimidação em massa a muitos estudantes palestinos nas universidades israelenses. Esses alunos palestinos, logo depois do ataque do Hamas e do ataque de Israel a Gaza, expressaram suas opiniões e foram imediatamente intimidados pelas lideranças universitárias em Israel.

Em 2024, fui a uma universidade dar uma palestra, em Israel, mas não consegui terminar porque muitos alunos estavam lá para me impedir de falar. Nós os convidamos para entrar e foi uma conversa muito difícil. Muitos deles participaram dos massacres em Gaza, serviram como soldados. Depois do 7 de outubro, muitas pessoas que se diziam liberais passaram a dizer que nada podia ser feito. O que se mostrou foi a real face dessas universidades que se diziam ilhas de pluralismo.

O que mais me chocou foi essa indiferença, esse negacionismo sobre o que estava acontecendo em Gaza. As pessoas liberais não querem falar sobre isso. Esse negacionismo permite a justificativa de Israel para os ataques. Essa mudança de paradigma, de afirmar que não há escolha, beneficia os líderes políticos. Mesmo os judeus que concordam que crimes terríveis acontecem em Gaza não conseguem reconhecer que se trata de genocídio. Essa negação israelense é um fenômeno.

CONIVÊNCIA DAS UNIVERSIDADES NORTE-AMERICANAS

Nas primeiras semanas após o 7 de outubro, os protestos cresceram nas universidades dos Estados Unidos e as administrações passaram a responder muito fortemente a isso. Até chamaram a polícia. Prenderam alunos e muitos foram disciplinados pelas administrações, suspensos, punidos, expulsos. De modo que até o fim de 2024 não foram mais feitos muitos protestos. Em maio de 2024,

houve um acampamento da Universidade de Brown e foi dada instrução de que os alunos que estivessem lá seriam disciplinados e o corpo docente que fosse lá visitar seria suspenso.

DEPENDÊNCIA FINANCEIRA

O que aconteceu na “Primavera” de 2024 nos diz algo sobre a estrutura das universidades nos Estados Unidos. São universidades privadas, mas que dependem de financiamento federal para pesquisa e de grandes doadores privados. Os administradores estavam

pressionados pelo governo e pelos doadores - boa parte deles, judeus muito ricos. Eles dizem representar a comunidade judaica. Assim como o governo de Israel diz representar todos os judeus do mundo. Os gestores dessas instituições foram pressionados a agir. Quem não fez, foi demitido, como o presidente de Harvard. Aqui, a gente ainda não está falando da administração Trump, mas de Biden, que era muito sensível a qualquer crítica a Israel. É óbvio também que muitos representantes americanos no Congresso e no

suficiente a isso.

Apoiar a Palestina não é antisemitismo. Nem mesmo a oposição ao sionismo é antisemitismo. Ser contra o sionismo não é antisemitismo. O sionismo sempre foi uma ideologia étnico-nacional e foi se tornando um Estado religioso, messiânico. O sionismo é uma posição política. Você pode decidir se concorda ou não. Isso não é ser antisemita. O governo de Israel força essa confusão. Netanyahu está empurrando garganta abaixo essa mistura de conceitos.

O Holocausto foi um genocídio, mas há uma insistência judaica em tornar esse evento único. Essa insistência se reverte em receber tratamento único e se torna instrumento ideológico. O Hamas é considerado pior que os nazistas. Israel defende que essa foi a maior matança de judeus desde o Holocausto. Essa memória é automaticamente recuperada. E o que se faz com nazista? Extermina. E as crianças? São potenciais nazistas, nessa concepção, e todas as pessoas de Gaza. Essa foi a lógica construída. O Holocausto serviu como uma permissão para a violência de Israel.

DESMANUAÇÃO E OCUPAÇÕES

Universidades corporativas se tornaram dependentes de dinheiro de empresas e as empresas, obviamente, não fazem nada de graça. O resultado disso é um processo que começou muito antes do ataque do Hamas. Essas universidades que se diziam liberais já atuavam privilegiando a formação tecnicista. Você deve estudar para ser treinado a fazer perguntas que ninguém mais fará, entender, questionar. Essas áreas pararam de receber financiamentos. As universidades querem se tornar locais de formação para o mercado de trabalho e abrir mão do papel de séculos de pensar, refletir, criar tecnologias. História, Filosofia, Geografia têm ficado em segundo plano.

É preciso revisar esse modelo de universidades. A educação está sendo detonada pelo atual sistema dos Estados Unidos. Se você tenta impor formas de pensamento ou de expressão, você está arruinando a universidade.

FALSO ANTISEMITISMO E HOLOCAUSTO INSTRUMENTALIZADO

Gaza se tornou um experimento e expõe algo muito maior que o horror: a tentativa de silenciar o discurso com o efeito ameaçador do antisemitismo. Temos que distinguir o que é antisemitismo e o que não é. Eu estou na rua utilizando uma Estrela de Davi e alguém bate em minha cabeça me perguntando por que estou matando tantas pessoas em Gaza, isso é antisemitismo. Mas se alguém me pergunta minha opinião e nós conversarmos sobre minhas ideias, isso não é antisemitismo. Esse antisemitismo ao qual acusam quem se opõe a Israel está instrumentalizado para silenciar, controlar o discurso. As universidades são atacadas por supostamente aceitarem discursos antisemitas. Não temos tido resistência



#OrgulhoDeSerUFRJ

ALESSANDRO COSTA

fraestrutura é muito conectada e cada grupo quer ter direito de retorno à sua terra.

Esse movimento “A Land for All” é uma tentativa de criar essa conscientização. As fronteiras seriam abertas, as pessoas poderiam migrar de um lugar para o outro. Por exemplo: você pode ser alemão e viver em Paris. Seria o mesmo. Você pode ser palestino e viver em Israel. E o que aconteceria com os 700 mil colonizadores? A maior parte vive na Cisjordânia pelo custo de vida mais baixo e não por razões ideológicas. A maioria migraria e os que ficassem estariam submetidos às leis palestinas. É um horizonte que acredito que seja necessário.

A maioria dos cidadãos palestinos e israelenses quer um Estado binacional. Se você tem uma Confederação, você daria aos dois grupos direitos iguais. Seria um passo na direção de um Estado para todos.

CRESCIMENTO DA EXTREMA DIREITA NEOFASCISTA

O número de neonazistas aumentou muito na Alemanha. Em 2023, eram 40 mil. É um número crescente que representa essas tendências de extrema direita que têm prevalecido no mundo. O Partido Nazista é o segundo maior partido da Alemanha. Isso é muito significativo e muito preocupante. Isso não acontece desde 1945.

Esses partidos de extrema direita também se expandiram em outros países, como na Itália, que controla o Executivo. Na França, o partido tem 40% do eleitorado. Está acontecendo na Itália, Alemanha, Suécia, Espanha, Portugal e Grã-Bretanha. Temos até uma versão norte-americana disso. O que elegeu Trump foi o movimento MAGA (Make America Great Again), que possui elementos muito marcados desse movimento neofascista.

Setores da população se opõem a receber tantos imigrantes, principalmente apóis Angela Merkel (ex-chanceler da Alemanha) receber um milhão de sírios. A oposição aos muçulmanos cresceu demais.

Somado a isso, 20% da população da Alemanha não nasceram no país ou são filhos de pessoas que não nasceram. O perfil populacional mudou muito. Há um sentimento crescente de que os “alemães tradicionais” foram deixados para trás. Acolher imigrantes foi uma forma da Alemanha se desculpar com o passado, por conta da culpa sobre o Holocausto. Mas isso causou intenso ressentimento entre os alemães.

POR QUE A EXTREMA DIREITA CRESCE?

Partidos tradicionais progressistas não entregaram o que prometeram e, por isso, perderam a fé pública. Como resultado, partidos de extrema direita entraram como uma terceira via nacionalista. Eles se apresentam como disruptivos. Apelam para a democracia individual e rejeitam qualquer visão crítica do passado. Há um esforço de se livrar da memória de como os partidos nazistas e fascistas terminaram. Agem com rebulião contra elites econômicas e acadêmicas. Escolhem militares para alcançarem seus objetivos políticos.

Esses atuais movimentos fascistas se aproveitam desse ressentimento da população, que é mais forte entre os mais jovens, e evocam o orgulho nacional, a família tradicional. São contra estrangeiros e a favor de desligarem de organizações internacionais, focando nos “franceses de verdade”, nos “alemães de verdade”, nos brancos. Essa retórica captura os jovens pelas redes sociais. As minorias seriam um empecilho para o crescimento da nação, seriam “parasitas”, nessa lógica.

No campo econômico, basicamente esses movimentos populistas passaram a existir em resposta à globalização, cujas políticas bancárias não levaram em conta o bem-estar da população. A globalização pode ter sido muito boa para corporações multinacionais, mas não está ajudando as pessoas reais. A corrupção das corporações e dos governos ajudam nessa descrença geral.

FERNANDO SOUZA



11

Se você desumaniza
as pessoas, você
permite a violência.
A resistência à
opressão é natural.
É um desejo de
liberdade, de não
estar mais sob o
comando de alguém.
Se você é tratado
como um animal,
você vai responder a
isso com violência.

OMER BARTOV

